



**CENTRO UNIVERSITÁRIO CHRISTUS  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**FABÍOLA FORTUNA PEREIRA MARINHO**

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESPIRITUALIDADE E SUA RELAÇÃO COM O  
PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO A PARTIR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

**FORTALEZA  
2022**

FABÍOLA FORTUNA PEREIRA MARINHO

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESPIRITUALIDADE E SUA RELAÇÃO COM O  
PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO A PARTIR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao curso de Psicologia do  
Centro Universitário Christus, como  
requisito para obtenção do título de  
bacharela em Psicologia.

Orientador: Dr. Felipe Queiroz Siqueira.

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Centro Universitário Christus - Unichristus

Gerada automaticamente pelo Sistema de Elaboração de Ficha Catalográfica do  
Centro Universitário Christus - Unichristus, com dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M337c MARINHO, FABIOLA FORTUNA PEREIRA.  
CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESPIRITUALIDADE E SUA  
RELAÇÃO COM O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO A PARTIR  
DA PSICOLOGIA ANALÍTICA / FABIOLA FORTUNA PEREIRA  
MARINHO. - 2022.  
28 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro  
Universitário Christus - Unichristus, Curso de Psicologia,  
Fortaleza, 2022.

Orientação: Prof. Dr. FELIPE QUEIROZ SIQUEIRA.

1. Religiosidade. 2. Espiritualidade. 3. Psicologia Analítica. 4.  
Individuação. 5. Psicoterapia. I. Título.

CDD 150

FABÍOLA FORTUNA PEREIRA MARINHO

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESPIRITUALIDADE E SUA RELAÇÃO COM O  
PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO A PARTIR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao curso de Psicologia do  
Centro Universitário Christus, como  
requisito para obtenção do título de  
bacharela em Psicologia.

Orientador: Dr. Felipe Queiroz Siqueira.

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Felipe Queiroz Siqueira  
Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS)

---

Profa. Dra. Darla Moreira Carneiro Leite  
Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS)

---

Profa. Me. Rebecca Holanda Arrais  
Mestre em Psicologia Clínica

Dedico e agradeço...

A quem me deu vida, Lourdes e Fábio

Ao meu casamento interno e com o Neto

Ao Caminho do Pathwork

À vida!

## RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo realizar uma revisão bibliográfica no sentido de compreender a importância da espiritualidade e sua relação com o processo de individuação a partir da Psicologia Analítica. O método utilizado na investigação foi uma revisão bibliográfica. Entendida a partir de como Jung conceituava religião e religiosidade, a espiritualidade é compreendida por meio da perspectiva arquetípica por considerar os eventos da existência baseados numa experiência simbólica que se relaciona diretamente com o processo de individuação. Neste, os símbolos buscam a totalidade do *Self* em função do Arquétipo Central, também conhecido por Deus nas religiões. Para Jung, a religião é definida a partir de *religere*, se complementando, pois, com o que Rudolf Otto descreveu sobre o numinoso. Numa vivência numinosa, o indivíduo experimenta uma transformação profunda na consciência, devido à disponibilidade de ser impactado por conteúdos do inconsciente. Considerada uma psicologia da experiência religiosa, não relaciona a religião a uma determinada profissão de fé religiosa, mas à mudança de consciência pelo contato com o numinoso. O processo de individuação e a dinâmica da psicoterapia se efetua como mediadora da transformação que dele provém. Concluiu-se que a espiritualidade promove crescimento quando opera como via para a transformação da atitude consciente, refletindo, dessa forma, na individuação. Por fim, abordou-se sobre a necessidade da realização de outras pesquisas nesta área.

**Palavras-chave:** Religiosidade. Espiritualidade. Psicologia Analítica. Individuação. Psicoterapia.

## **ABSTRACT**

The present work aimed to carry out a bibliographic review in order to understand the importance of spirituality and its relationship with the individuation process from Analytical Psychology. The method used in the bibliographic review. Understood from how Jung conceptualized religion and religiosity, spirituality is understood through the archetypal perspective by considering the events of existence based on a symbolic experience that is directly related to the process of individuation. In this, the symbols seek the totality of the Self in function of the Central Archetype, also known as God in religions. For Jung, religion is defined from religere, thus complementing itself with what Rudolf Otto described about the numinous. In a numinous experience, the individual experiences a profound transformation in consciousness, due to the availability of being impacted by contents of the unconscious. Considered a psychology of religious experience, it does not relate religion to a certain profession of religious faith, but to the change of consciousness through contact with the numinous. The individuation process and the dynamics of psychotherapy act as a mediator of the transformation that comes from it. It was concluded that spirituality promotes growth when it operates as a way to transform the conscious attitude, thus reflecting on individuation. Finally, the need for further research in this area was addressed.

**Keywords:** Religiosity. Spirituality. Analytical Psychology. Individuation. Psychotherapy.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 OBJETIVOS.....</b>	<b>12</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>13</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>14</b>
<b>4.1 Religião e Religiosidade: uma breve discussão.....</b>	<b>14</b>
<b>4.2 Religiosidade, Individuação e a Psicoterapia como recurso.....</b>	<b>18</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>25</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Constitui-se imprescindível discutir no meio acadêmico sobre espiritualidade e, uma vez que tal termo é trazido ao presente trabalho, imediatamente torna-se fundamental realizar um questionamento acerca do seu significado. Mas, o que significa espiritualidade? Qual compreensão se adota para espiritualidade e de qual maneira pode ser vivenciada? Existem diferenças entre espiritualidade e religião/religiosidade? Como a espiritualidade pode contribuir com o processo de individuação? Diante de tais questionamentos, é possível que o leitor seja movido a respondê-los de acordo com sua vivência pessoal sobre o que compreende por espiritualidade, ou ainda, associá-la a experiências de cunho dogmático. Independentemente disso, torna-se essencial definir e nortear adequadamente seu significado. Para isso, será recorrida à Psicologia Analítica como guia a conduzir este estudo.

De acordo com o dicionário Houaiss (2009), a espiritualidade é conceituada como uma particularidade daquilo que é espiritual e está relacionada a atividades de cunho religioso ou místico, tratando-se, também, de uma qualidade do que é transcendente. Possui em sua raiz o termo latino “*spiritus*”, ou seja, sopro, alma, espírito, que sugere, ainda, muitos sentidos, dentre eles, matéria consciente de si, na qual se encontram situados os processos psíquicos.

Conforme Dorst (2015), embora Jung não tenha utilizado frequentemente em suas obras o termo espiritualidade, esta tem uma relação bastante estreita com as formas nas quais a religiosidade é praticada, dada a multiplicidade de manifestações religiosas em diversas tradições. A palavra “espiritualidade” em seus escritos era pouco empregada por não ser usual à época, sendo que “religião” e “religiosidade” eram as nomeações convencionais.

De acordo com a Psicologia Analítica, o que significa, então, espiritualidade? Ressalte-se que Jung não conceituou espiritualidade nem destacou o termo como fizera em seus mais diversos conceitos que caracterizam a Psicologia Analítica, tais como: “Arquétipo, Complexo, Sombra, Persona, Anima e Animus, Si mesmo, Ego, Processo de Individuação, Tipos Psicológicos, entre outros” (MARTINEZ, 2014, p. 10).

Todavia, Martinez (2014) afirma que tal conceito atravessa toda sua obra estando justaposto ao termo religiosidade quando discorrido o assunto.

Dito isso, Byington (2008) assevera que é a partir da religiosidade que se deve estabelecer uma compreensão de espiritualidade na Psicologia Analítica, pois sendo ela consolidada na perspectiva arquetípica, “considera os eventos existenciais baseados numa vivência simbólica que os relaciona com o processo de individuação” (p. 7). Ainda nessa perspectiva, a religiosidade é constituída “como um fenômeno psíquico inerente a todos os indivíduos, diferenciando do que se entende por religião instituída ou organizada” (MARTINEZ *et al.*, 2019, p. 98).

Para Jung (1978), a religiosidade entendida como confissão, instituição dogmatizada ou práticas espirituais instituídas não asseguram uma vivência espiritual ou religiosa. Religião para ele é relativo à *religere*, vocábulo latino que denota religar, ou seja, “uma acurada e conscienciosa observação” (JUNG, 1978, p. 11) do “numinoso”, termo este nomeado por Rudolf Otto, que denota a vivência de uma experiência profundamente transformadora do sujeito.

Através dele, o sujeito vivencia uma experiência carregada de significado, dada a sua disponibilidade de ser impactado por conteúdos do inconsciente. Jung (1978, p. 12) se refere ao numinoso à maneira de uma consideração cuidadosa de “certos fatores dinâmicos concebidos como potências”, associando-as a demônios, deuses, espíritos, ideias, leis, dentre outras.

O contato com estas potências se dariam, contudo, por intermédio dos símbolos, expressos no contexto cultural e histórico no qual o indivíduo faz parte, constituindo-se como representações que podem se fazer disponíveis à coletividade como um modo de acesso à vivência do potencial transformador da experiência religiosa (MARTINS, 2014). Os símbolos intermedeiam a integração da totalidade do Si-mesmo<sup>1</sup> (ALENCAR *et al.*, 2021, p. 95).

O Si-mesmo na perspectiva analítica é um termo integrador da totalidade do potencial psíquico do indivíduo, é o limite que abarca a consciência e os conteúdos

---

<sup>1</sup> Ademais, cabe ressaltar que no decorrer deste trabalho trataremos os termos “si-mesmo” e “self” como sinônimos, conforme tradução do autor.

inconscientes, é o centro do qual resultam os impulsos criativos, sendo na interação entre o Si-mesmo, o centro da consciência e o Eu onde se efetiva a autorrealização, também considerada como processo de individuação (DORST, 2015).

Acerca disso, torna-se essencial compreender o significado de individuação à luz da Psicologia Analítica. Trata-se de um conceito considerado central na obra de Jung, genericamente definido como o devir da personalidade e, de maneira particular, a transformação continuada de uma individualidade (PIERI, 2002). A individuação é um contínuo processo de desdobramento da personalidade ocasionado através do confronto entre o Eu e o Si-mesmo, e entre os conteúdos conscientes e inconscientes, capazes, pois, de produzir um amadurecimento do potencial criativo humano (DORST, 2015).

Os indivíduos se desenvolvem durante suas vidas e se modificam em diversos níveis, de maneira que essa experiência de integridade e totalidade, que Jung denominou de individuação, permeia sua existência inteira propiciando, desse modo, “o surgimento do si-mesmo na estrutura psicológica e na consciência” (STEIN, 2006, p. 153). Vale destacar que, quando Jung utiliza o termo individuação, refere-se ao desenvolvimento psicológico, não se tratando apenas de um imperativo biológico (STEIN, 2006). A individuação seria, portanto, “o processo de tornar-se uma personalidade unificada, mas também única, um indivíduo, uma pessoa indivisa e integrada” (STEIN, 2006, p. 156).

A presente pesquisa é justificada pela minha importância pessoal dada ao tema frente ao convívio com a Doutrina Espírita e o percurso no caminho do Pathwork®, que se trata de uma metodologia de autoconhecimento alicerçada em uma coleção de ensinamentos apresentados através de palestras. Dada sua transcrição literal significar “Trabalho do Caminho”, tais palestras contemplam orientações sobre como trazer à consciência aspectos inconscientes relativos às falhas humanas, fontes de todo sofrimento humano individual e coletivo.

O trabalho auxilia, ainda, no reconhecimento de situações e conflitos gerados pela própria pessoa, consciente ou inconscientemente, de maneira a auxiliar a realização de mudanças e facilitar o processo de unificação interior, assim como tornar a existência mais harmônica e integrada com o transcendente (PATHWORK BRASIL,

2017). Não se trataria, pois, de uma experiência que remete à individuação e, conseqüentemente, ao contato com o numinoso? O contato com o pensamento junguiano no ambiente acadêmico, mesmo que de forma bastante limitada, floreceu minhas ideias pessoais durante toda a trajetória da formação, influenciando significativamente na escolha da temática.

Quanto à relevância científico-social, cabe destacar a nota publicada na página virtual do Conselho Federal de Psicologia, onde são apresentados argumentos que apontam para o fato de que para o Brasil a religião, religiosidade e espiritualidade são relevantes na construção de subjetividades, além de orientarem significativamente as ações humanas a partir da relação de sua individualidade com os aspectos transcendentais da existência (CFP, 2013). A nota aponta ainda que:

Reconhecemos a importância da religião, da religiosidade e da espiritualidade na constituição de subjetividades, particularmente num país com as especificidades do Brasil. Neste sentido compreendemos que tanto a religião quanto a psicologia transitam num campo comum, qual seja, o da produção de subjetividades, entendendo ser fundamental o estabelecimento de um diálogo entre esses conhecimentos. Este fator requer da Psicologia toda cautela para que seus conhecimentos, fundamentados na laicidade da ciência, não se confundam com os conhecimentos dogmáticos da religião. Reconhecemos, também, que toda religião tem uma dimensão psicológica e que, apesar da Psicologia poder ter uma dimensão espiritual, ela não tem uma dimensão religiosa, o que nos remete à necessidade de aprofundarmos o debate da interface da Psicologia com a espiritualidade e os saberes tradicionais e populares, além de buscarmos compreender como a religião se utiliza da psicologia (CFP, 2013, p. 2).

Diante disso, há de se considerar a contribuição acadêmica, sobretudo ao curso de Psicologia, uma vez que muitos psicólogos carregam dúvidas quanto ao seu posicionamento diante de suas próprias religiões ou das crenças dos seus pacientes, apesar de que também se sabe que o trabalho destes profissionais deve estar assentado nas ciências psicológicas (BAGGIO *et al.*, 2014). Dado o esforço, pois, de Carl Gustav Jung para integrar psicologia e religião, religiosidade e espiritualidade, considera-se indispensável esse debate, sobretudo na atualidade.

## **2 OBJETIVOS**

O presente trabalho tem por objetivo realizar uma revisão bibliográfica no sentido de compreender a espiritualidade e sua relação com o processo de individuação a partir da Psicologia Analítica.

Os objetivos específicos são: (1) realizar uma breve conceituação de religião e religiosidade à luz da Psicologia Analítica, entendendo que a espiritualidade é compreendida através destes termos; e (2) refletir sobre a religiosidade e o conceito de individuação unido à contribuição da psicoterapia para este processo.

### 3 METODOLOGIA

Este estudo constitui uma revisão bibliográfica, de caráter exploratório e descritivo, a respeito da espiritualidade e sua relação com o processo de individuação a partir da Psicologia Analítica. Este método foi utilizado pelo fato de ser permitido o levantamento de materiais com dados já analisados, assim como o uso de livros, artigos, dissertações e teses disponíveis e publicadas, já trabalhados por outros pesquisadores para que se possa desenvolver e elaborar um aprofundamento do estudo a partir da leitura, questionamentos, reflexão e conversação crítica necessária à construção de uma síntese integradora com ideias originais acerca do assunto em questão (GIL, 2002). Para isso, foram utilizadas algumas das principais obras de autores que abordam sobre espiritualidade, psicologia analítica, individuação e psicoterapia, no propósito de apresentar um trabalho o mais fiel possível às suas construções, além de outros materiais de estudiosos contemporâneos que tratam das temáticas em questão e de uma abordagem histórica da trajetória de Jung, da qual se digna importante para este trabalho.

Para análise do material, adotou-se uma abordagem de cunho qualitativo, e a seleção das produções se deu a partir de materiais levantados em um acervo pessoal desta pesquisadora, já publicados por meios escritos e eletrônicos. Tais materiais foram eleitos devido à importância dos mesmos para a construção teórica da Psicologia Analítica, a saber, Psicologia e Religião (JUNG, 1978), Interpretação psicológica do dogma da trindade (JUNG, 1979), A vida simbólica (JUNG, 2015), Aion: estudo sobre o simbolismo do si-mesmo (JUNG, 2008), A natureza da psique (JUNG, 2000) e A prática da psicoterapia (JUNG, 1998), entre outros.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 Religião e Religiosidade: uma breve discussão

Abordar a vida pessoal do fundador da Psicologia Analítica é fundamental para compreender suas ideias sobre religião e religiosidade, devido à fascinação ainda em idade precoce à ideia de Deus (SILVEIRA, 1992).

Proveniente de Kesswil, na Suíça, Carl Gustav Jung nasceu em uma família de tradição protestante, onde ainda em tenra idade sentia o peso da opressão frente a compreensões errôneas transmitidas à época relacionadas à figura de Cristo, assim como à perda da vivacidade religiosa, sobretudo de seu pai, um pastor luterano para quem a fé já declinava no âmago do seu ser (VON FRANZ, 2008).

Von Franz (2008) destaca que, um primeiro sonho no qual Jung tivera ainda em sua infância foi profundamente revelador para dar notoriedade ao fenômeno religioso para o resto de sua vida, assim como para questionar sobre todas as crenças coletivas acerca de Deus que prevaleciam naquele tempo. A autora destaca sobre Jung:

[...] ele estava convencido, no íntimo, de que há um poderoso, misterioso e incognoscível Deus oculto, que fala ao indivíduo a partir das profundezas de sua alma e que se revela nas formas que deseja. O deus do sonho não está só oculto; ele está vivo nas profundezas da terra coberta de grama, na natureza. Algo bem parecido com o “Deus-natureza” de Goethe – um mistério assombroso que nos cerca a todos, pleno dos mais prodigiosos eventos e formas (VON FRANZ, 2008, p. 28).

Dito isto, constata-se que Jung deu grande notoriedade em toda sua obra a questões concernentes à religião e religiosidade, dando ênfase, sobretudo, às experiências espirituais do homem cristão não relacionadas a dogmas, tradições religiosas e igrejas (DORST, 2015).

Jung (2016) atesta que refletir sobre a dimensão religiosa configura-se como uma necessidade essencialmente vital, além de um ato natural, revelando tal ideia na seguinte frase: “Acho que todos os meus pensamentos giram em torno de Deus como os planetas em torno do Sol, e são da mesma forma irresistivelmente atraídos por ele” (p. 17). E continua: “Eu me sentiria como o maior pecador querer opor uma resistência a essa força” (JUNG, 2016, p. 17).

Inspirado nas ideias do filósofo alemão Rudolf Otto acerca de seu entendimento sobre religião, Jung afirma que esta é “como diz o vocábulo latino *religere* - uma acurada e conscienciosa observação daquilo que Rudolf Otto acertadamente chamou de ‘numinoso’” (JUNG, 1978, p. 10). Tal entendimento, para a Psicologia Analítica, acaba por se sobrepor ao assimilado pela teologia medieval, que prioriza a religião como provinda do termo *religare*, que denota uma aliança com Deus (GIGLIO, 2005).

Trata-se o numinoso de um “efeito dinâmico não causado por um ato arbitrário”, no qual constitui uma condição do indivíduo e que acontece independente de sua vontade (JUNG, 1978, p. 12). Segundo Martinez (2014, p. 13), na experiência do numinoso “a pessoa é tomada por esse efeito dinâmico e assim experiencia e se liga a esse fato, vivência ou experiência numinosa, sendo algo que chama, independente da vontade e direcionamento consciente”. O autor acrescenta, ainda, que tal experiência tem como resultado uma consciência profundamente transformada (MARTINEZ, 2014).

Na obra *Psicologia e Religião*, Jung (1978) admite como tarefa demonstrar o que a Psicologia teria a ver com religião, enquanto fenômeno histórico e de grande valor para a humanidade, e a relação entre ambas, através da ideia de que devido a religião se constituir uma das manifestações mais arcaicas da alma humana, pressupõe-se que esta deva ser reconhecida por todo tipo de psicologia.

Diante disso, Jung (2013, p. 10) reforça tal ideia: “Minha opinião é que as religiões se acham tão próximas da alma humana, com tudo o que elas são e exprimem, que a psicologia de maneira alguma pode ignorá-las”. De acordo com Dorst (2015), ele dedicou seus esforços para desenvolver uma psicologia da experiência religiosa por considerá-la um fenômeno psíquico. Convém destacar, ainda, que Jung compreende a psique como local de experiência do numinoso, e que o contato entre Deus e o indivíduo acontece através da alma, perceptível a este como um fato psíquico (DORST, 2015).

Jung (1978, p. 13) esclarece que quando utiliza o termo religião, não se refere a uma determinada profissão de fé religiosa, crenças ou práticas organizadas, mas a uma “atitude particular de uma consciência transformada pela experiência do numinoso. Argumenta, ainda, que toda confissão religiosa possui duas vertentes, uma

que se institui na experiência do numinoso e a outra na pístis, na dedicação e na fé em experiências de natureza numinosa, passíveis de viabilizar modificações na consciência (JUNG, 1978).

A experiência numinosa, por produzir efeitos na consciência, influencia significativamente a existência de uma confissão religiosa ou de fé (JUNG, 1978), conforme trecho abaixo:

As confissões de fé são formas codificadas e dogmatizadas de experiências religiosas originárias. Os conteúdos da experiência foram sacralizados e, via de regra, enrijeceram dentro de uma construção mental inflexível e, frequentemente, complexa. O exercício e a repetição da experiência original transformaram-se emérito e em instituição imutável. Isso não significa necessariamente que se trata de uma petrificação sem vida. Pelo contrário, ela pode representar uma forma de experiência religiosa para inúmeras pessoas, durante séculos, sem que haja necessidade de modificá-la (JUNG, 1978, p. 13).

Segundo Jaffe (1995), a terminologia religiosa desenvolvida por Jung tem sido alvo de constantes críticas e julgada como não-científica. Mas conforme percebida em toda sua obra, suas formulações eram direcionadas à alma do indivíduo e não apenas ao intelecto, e por este motivo Jung expressava propositalmente suas ideias em termos de imagens primitivas (religiosas) (JAFJE, 1995).

Neste sentido, segundo Dalgarrondo (2008, p. 65), na perspectiva Analítica, a religiosidade é considerada como um recurso espontâneo, natural e essencial à psique, ou melhor, ela é “parte constitutiva e essencial da natureza própria do homem”. O autor destaca ainda que, para Jung, os aprendizados e experiências de milhares de gerações estão armazenados no inconsciente coletivo e disponíveis a cada indivíduo, nele também se encontrando os arquétipos, que se tratam de um conjunto de imagens universais inerentes à alma humana passíveis de serem transmitidos a cada geração. (DALGARRONDO, 2008).

Para Dorst (2015), cabe aqui evidenciar a importância dos símbolos nesse processo, uma vez que são responsáveis por transportar conteúdos psíquicos do inconsciente até a consciência. Isso significa que os “símbolos arquetípicos e, assim, também as imagens de Deus do simbolismo religioso possuem caráter numinoso e são as chaves para as camadas profundas da existência humana” (DORST, 2015, p. 18). Convém destacar que na psicologia de Jung não é comentado sobre Deus de

maneira metafísica ou ontológica, mas da forma como as imagens arquetípicas se exprimem e das repercussões na psique humana (MARTINEZ, 2019).

Para Jaffe (1995, p. 24), Jung defende que “se tiver a experiência de Deus ou do Si-mesmo, você acreditará, ou mais precisamente, você saberá”. E que “na experiência religiosa, o homem se depara com um outro ser, espiritual, superpoderoso” (DORST, 2015, p. 14). Nota-se que ambos os casos se tratam de experiências de cunho numinoso.

Acerca do Si-mesmo, eis uma consideração contida na obra *Espiritualidade e Transcendência* (DORST, 2015, p. 20):

O Si-mesmo determina e estrutura todos os processos psíquicos de desenvolvimento e, nesse sentido, pode ser visto, em última análise, como o transcendente numinoso e conceitualmente inapreensível. [...] No Si-mesmo são possíveis experiências de unidade, o despontar de uma unidade universal, na qual foi abolida a cisão entre sujeito e objeto, individual e coletivo, pessoal e suprapessoal.

Jaffe (1995, p. 24) acrescenta a seguinte passagem, “‘parece-me’, escreveu Jung, ‘que cabe ao Espírito Santo a tarefa e o encargo de reconciliar e unir os opostos na pessoa humana por meio de um desenvolvimento especial da alma humana’”. Pode-se compreender neste trecho que a designação psicológica para esse desenvolvimento é a função transcendente, que indica o seguinte:

[...] a capacidade que tem a psique de unir o conteúdo consciente e o inconsciente, dando origem a uma nova atitude. Essa nova atitude, na medida em que representa a assimilação na consciência daquilo que anteriormente era inconsciente, é o equivalente psicológico ao nascimento de Cristo (JAFFE, 1995, p. 24).

Portanto, é amparada pela diretriz da função transcendente que a Psicologia Analítica visa favorecer o diálogo entre o consciente e o inconsciente, que produz aquele “desenvolvimento especial na alma humana”, a encarnação, a realização do ser divino na vida humana” (JAFFE, 1995, p. 25).

Toda a contribuição de Jung a essa psicologia que se pode considerar como religiosa, deve ser entendida sobre aquilo no qual sempre defendeu, ou seja, uma demanda psíquica da “religio”, da “religação” a algo maior, que resulta de modo direto na individuação, nesse reconhecimento individual do que verdadeiramente se é através do amadurecimento progressivo da personalidade (DORST, 2015).

## 4.2 Religiosidade, Individuação e a Psicoterapia como recurso

O que Jung designou sobre o processo de individuação não se restringe apenas ao cenário da terapia junguiana e, do contrário, por se tratar de um caminho para o amadurecimento humano, pode ser seguido por qualquer pessoa estando sozinha ou amparada em alguma tradição dogmática ou espiritual (VON FRANZ, 2008).

A individuação consiste em tentativas constantemente exigidas e renovadas de combinar as imagens interiores com a experiência exterior, e quando isso acontece, uma parte do self é realizada com a unidade interior e exterior proporcionando ao indivíduo o repouso em si mesmo e a irradiação do efeito da sua autenticidade por se encontrar autorrealizado (JAFFE, 1995).

De acordo com Stein (2006), porém, é possível haver um fracasso na tarefa da individuação quando o indivíduo permanecer dividido e não integrado, mesmo que aparentemente não expresse, o que leva Jung a concluir que o impulso da individuação não é um imperativo biológico, mas de natureza psicológica.

O mesmo autor destaca, ainda, que a força que dá impulso à individuação é o si-mesmo, enquanto o mecanismo que aflora na realidade consciente do indivíduo é a compensação (STEIN, 2006).

Silveira (1992, p. 78) exprime que o processo de individuação não compreende um desenvolvimento sequencial, linear, mas um movimento de “circunvolução que conduz a um novo centro psíquico”, ao si-mesmo. Jung salienta, ainda, que “quanto maior for o número de conteúdos assimilados ao eu e quanto mais significativos forem, tanto mais o Eu se aproximará do Si-mesmo, mesmo que essa aproximação nunca possa chegar ao fim” (JUNG, 2008, p. 39). Acrescenta:

O enraizamento do eu no mundo da consciência e o fortalecimento da consciência por uma *adaptação* o mais adequada possível são de suma importância. Neste sentido, determinadas virtudes como a atenção, a conscienciosidade, a paciência, sob o ponto de vista moral, e a exata consideração dos sintomas do inconsciente e a autocrítica objetiva, do ponto de vista intelectual, são também sumamente importantes (JUNG, 2008, p. 41).

Isto significa, portanto, que por meio de um confronto e de uma análise empírica é possível que partes inconscientes da personalidade se tornem conscientes, produzindo, assim, uma transformação desta pela assimilação de tais partes à personalidade do ego (JUNG, 2000). Mas para que esse processo se consolide é necessária a ação dos símbolos para tornar acessíveis os conteúdos do inconsciente que estavam encobertos, pois o ego sozinho é incapaz de realizar esse esforço (STEIN, 2006).

Giglio (2005, p. 1) afirma, ainda, que o processo de individuação “é uma confrontação consciente e assumida com a Persona, com os aspectos da Sombra e com os principais arquétipos, em especial, [...] com o arquétipo do Divino”.

O processo de Individuação acontece através de uma seqüência de transformações que vão se desenvolvendo no interior do indivíduo à medida que o seu Ego, já estruturado, desenvolvido, é capaz de confrontar-se com uma outra instância interna, digamos assim, um outro eu, que é o Si-Mesmo (Self). A Individuação é, portando, um devir, um processo contínuo, cuja finalidade é o próprio desenvolvimento. Tal processo, embora de natureza circular, se assemelharia mais a uma espiral ascendente que dirige-se a uma finalidade, embora, como já dissemos, seja constantemente um devir (GIGLIO, 2005, p. 1).

Segundo Stein (2006, p. 173), “durante o desenvolvimento, o si-mesmo colide com a psique e gera mudanças no indivíduo em todos os níveis: físico, psicológico e espiritual”. E uma vez que este vivencia sucessivas transformações nessa trajetória de autodescoberta, junto com o processo de individuação também podem surgir perigos e dificuldades decorrentes desse desnudamento da persona e confronto com a sombra, o que acaba motivando uma necessidade de se refletir sobre as implicações do trabalho da psicoterapia para a questão da individuação (AMORIM, 2004).

Jung afirma que a psicoterapia é, pois, uma relação dialética entre o terapeuta e paciente, é um diálogo entre duas totalidades psíquicas que objetiva a transformação de caráter não para algo fixo, mas para indefinível, onde cabe ao terapeuta o papel exclusivo de facilitar a caminhada do paciente para que este consiga desenvolver meios de resistir o mínimo possível a experiências importantes (apud DORST, 2015).

Jung colaborou expressivamente com o desenvolvimento de teorias e técnicas psicoterápicas ao propor não existir somente o inconsciente freudiano- que se

compunha de vivências pessoais reprimidas-, mas que a estrutura da psique é composta das seguintes camadas: consciente, inconsciente pessoal ou individual e inconsciente coletivo ou impessoal (NASCIMENTO; CALDAS, 2020).

A psicoterapia junguiana, segundo Amorim (2004), apresenta-se como um meio de orientação que ultrapassa as fronteiras da identidade do ego, na prospecção da realização do si-mesmo, por meio da totalidade que lhe é intrínseca.

Apesar do psicoterapeuta ser considerado um moderador neste processo, o papel deste não é somente compreender o outro, sendo fundamental, porém, conhecer a si mesmo e por isso a condição indispensável de sua formação é a própria análise, ou seja, a análise didática (JUNG, 2016). Em Memórias, Sonhos, Reflexões, Jung descreve o processo psicoterápico:

A terapia [...] começa, por assim dizer, na pessoa do médico. Apenas conhecendo-se a si mesmo e a seus problemas, ele poderá cuidar do doente. Antes, não. Na análise didática, o médico deve aprender a conhecer a sua alma e a tomá-la a sério para que o doente possa fazer o mesmo. Perderá parte de sua alma, da mesma forma que o médico perdeu a parte de sua alma que não aprendeu a conhecer. Portanto, na análise didática não é suficiente que o médico se aproprie de um sistema de conceitos. Enquanto analisado, deve perceber que a análise lhe diz respeito, que ela é uma secção de vida real e não um método aprendido de cor “no sentido superficial do termo”. O médico ou o terapeuta que não compreende tal coisa, no curso de sua análise didática, pagará isso muito caro mais tarde (JUNG, 2016, p. 93).

Nesse sentido, percebe-se que o processo psicoterápico acaba se desvelando uma jornada de autoconhecimento, condição indispensável ao processo de individuação, em que psicólogo e paciente são profundamente afetados nesta relação (AMORIM, 2004).

Jaffe (1995) reforça que no caminho da individuação, muitos indivíduos precisam encontrar uma relação com a atitude religiosa através de sua própria experiência individual e; por isso, no espaço da terapia o psicoterapeuta deve estar atento para que suas próprias deduções não interfiram no processo do outro. Jung (1998, p. 3) afirma, “se eu estiver disposto a fazer o tratamento psíquico de um indivíduo, tenho que renunciar à minha superioridade no saber a toda e qualquer autoridade e vontade de influenciar”. Mais adiante, sugere a dialética como recurso:

Tenho que optar necessariamente por um método dialético, que consiste em confrontar as averiguações mútuas. Mas isto só se torna possível se eu deixar ao outro a oportunidade de apresentar seu material o mais completamente

possível, sem limitá-lo pelos meus pressupostos. Ao colocar-nos dessa forma, o sistema dele se relaciona com o meu, pelo que se produz um efeito dentro do meu próprio sistema (JUNG, 1998, p. 3).

Dito de outra forma, segundo Nascimento e Caldas (2020), na psicoterapia junguiana há uma relação marcada pela comunicação de dois sistemas psíquicos que mutuamente se influenciam em um processo dialético, sendo este essencial para a ampliação das possibilidades de análise dos conteúdos simbólicos que acabam influenciando a tomada de consciência e a assimilação gradual dos conteúdos inconscientes.

De acordo ainda com os autores, o psicoterapeuta deve oferecer-se disponível a deixar o caminho individual aberto para que o paciente torne-se de fato o que é, ou seja, que ele experiencie seu processo de individuação autorizando a si mesmo através da mudança de atitude um deslocamento da unilateralidade consciente geradora de conflitos e sofrimento (NASCIMENTO; CALDAS, 2020).

Entretanto, para que isso possa ser possível, é imprescindível um trabalho pessoal do próprio psicoterapeuta, já que este também apresenta complexos que interferem em sua conduta com o paciente (NASCIMENTO; CALDAS, 2020). Essa perspectiva é comparável ao mito de Quíron, que “sendo imortal e tendo sido ferido com uma flecha para sempre, carrega uma ferida incurável que o permite ser um exímio curador” (MARTINEZ et al., 2019, p. 106), exprimindo, dessa maneira, que o psicoterapeuta apenas cura na medida em que suporta seu próprio sofrimento.

O objetivo do trabalho psicoterapêutico, segundo Jung (1998), é conduzir o paciente a se relacionar, assim como confrontar com o sentido dos símbolos a ele apresentados, contribuindo, desta forma, com a conscientização a respeito da natureza que transcende sua individualidade, que o situa num nível além do pessoal, mas no coletivo. Para isso ocorrer, é fundamental a conexão com a alma, uma genuína atitude religiosa.

É necessário considerar que essa confrontação, expressa na atitude religiosa de reflexão e consideração cuidadosa dos fatos apresentados, sobretudo, no ambiente psicoterapêutico, tem base na função transcendente que, para Jung, “é um fenômeno natural e espontâneo, parte do processo de individuação” (apud JAFFE, 1995, p. 25). Jaffe (1995) esclarece que é através da operação dessa função que a

transformação psíquica acontece, uma vez que conteúdos conscientes e inconscientes são, portanto, reconciliados.

Mediante as implicações psicológicas derivadas do processo de individuação, a psicoterapia se assinala como recurso propício à condução deste, visto que o percurso da individuação pode suscitar processos psíquicos intensos que inicialmente ameaçam a instância consciente do ego, “lançando o indivíduo de encontro com seu mundo interior nas relações deste com toda a força e o dinamismo do inconsciente coletivo” (AMORIM, 2004, p. 90).

Neste sentido, a psicoterapia, assim como toda a psicologia de Jung, expressa como valores fundamentais fazer evocar o poder de cura que existe no inconsciente de cada indivíduo, assim como colaborar no caminho para a totalidade humana que somente pode ser sentida por meio da experiência religiosa (JAFFE, 1995). Ademais, uma vez que a psicoterapia é um espaço de cura e busca de soluções, através da exploração do aspecto espiritual/religioso torna-se viável a ressignificação dos conflitos, motivo por que é mister considerar a dimensão religiosa do paciente na clínica psicológica (HENNING-GERONASSO; MORÉ, 2015).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi aqui abordado, compreende-se que a Psicologia Analítica faz reassumir o papel fundamental da espiritualidade no desenvolvimento psíquico, não da maneira cristalizada determinada pelas instituições religiosas, mas a partir da vivência interior do numinoso, que permite ao indivíduo um contato consigo mesmo de maneira profunda e intensa. De acordo com Jaffe (1995), nenhuma ciência pode ocupar o sentido vasto dado pela perspectiva Analítica à religião no que se refere à questão do sentido da vida, uma vez que considera o próprio sentido como experiência da totalidade.

Desta forma, a espiritualidade promove crescimento quando opera como via para a transformação da atitude consciente resultante das manifestações simbólicas do inconsciente. Quando isso acontece, a consciência é ampliada e mais possibilidades de cura se fazem disponíveis. O indivíduo, revestido de sentido na confrontação das dificuldades, que também pode ser apoiado pela psicoterapia, poderá encontrar na espiritualidade orientação frente às suas questões e uma ampliação na cosmovisão tanto individual como coletiva.

Apesar de Jung não utilizar explicitamente o termo espiritualidade em seus escritos, alerta para a experiência religiosa como fonte de sentido e significado para a vida, motivo pelo qual um dia sua psicologia já foi considerada como Psicologia da Religião. Diante disso, em virtude da questão religiosa permear toda sua obra, o processo de individuação é sua primeira grande mensagem, visto que apresenta uma nova perspectiva de vivência do numinoso e uma possibilidade de ganhos de novos níveis de consciência. Ganhos esses que acabam se refletindo no todo.

Uma vez que a experiência subjetiva vinha sendo pouco notada, sobretudo nos últimos tempos, onde a realidade extrínseca sugeria outros atrativos, uma segunda mensagem proferida por Jung foi a afirmação da realidade da psique. Essa descoberta reforça a importância da experiência com a subjetividade por ser capaz de devolver significado à vida e sua conseqüente restauração. E somente através da atitude religiosa, de uma cuidadosa observação do numinoso o indivíduo pode vivenciar a experiência da totalidade e experimentar um contato verdadeiro com Deus.

Ao longo de toda a constituição desta pesquisa, um interesse por aprofundamento se ampliou em virtude da espiritualidade ser um campo de muitas possibilidades tanto para outros estudos, como para a prática do profissional da psicologia, o que torna este trabalho bastante relevante. Dimensão legítima e indispensável ao indivíduo, as abordagens aqui realizadas consideram-se valorosas por fazer revelar a este uma maneira distinta de encontrar a si mesmo através de uma observação cuidadosa daquilo que o atravessa.

Muito embora haja constatado o valor desta produção, houve limitações quanto à escassez de pesquisas mais recentes abordando sobre o que nesta foi discutido para que se pudesse enriquecê-la, e por esse motivo, o presente trabalho deixa o legado para que pesquisas futuras possam ser feitas no sentido de unir a teoria aqui discorrida a maiores estudos empíricos.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, L. L. T. V.; JESUÍNO, F. M.; SILVA, A. N.; DOS SANTOS, M. S. A Importância da Espiritualidade como construtora do processo de Individuação. **Revista Pró-UniverSUS**, v. 12, n. 1, p. 94–99, 22 jun. 2021.

AMORIM, Gustavo Galli de. **Um homem e sua psicologia**: reflexões sobre o processo de individuação em C. G. Jung. 2004. 105 f. Monografia (Especialização) - Curso de Psicologia, Uniceub - Centro Universitário, Brasília, 2004. Disponível em: [repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2952/2/9960698.pdf](http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2952/2/9960698.pdf). Acesso em: 29 out. 2022.

BAGGIO, Tatiane; HOFFMANN, Eduardo; MARQUES, Luciana Fernandes. Psicologia, Religião e espiritualidade: como dialogar. **Entre linhas**, out/dez 2014. Disponível em: <http://www.crpsp.org.br/diverpsi/arquivos/psicologia-religiao-entre-linhas-68.pdf>. Acesso em: 29 out. 2022.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. **Jung e a Espiritualidade**. O Self e o Mal. O Paradoxo do Arquétipo Central. Um estudo da Psicologia Simbólica Junguiana. Disponível em: [http://www.carlosbyington.com.br/site/wp-content/themes/drcarlosbyington/PDF/pt/jung\\_e\\_a\\_espiritualidade.pdf](http://www.carlosbyington.com.br/site/wp-content/themes/drcarlosbyington/PDF/pt/jung_e_a_espiritualidade.pdf). Acesso em 29 de outubro de 2022. São Paulo, 2008.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA-CFP. **Posicionamento do Sistema de Conselhos de Psicologia para a questão da Psicologia, religião e espiritualidade**. GT Nacional Laicidade e Psicologia. 2013. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2014/02/Posicionamento-do-Sistema-Conselhos-de-Psicologia-para-a-quest%C3%A3o-da-Psicologia-Religi%C3%A3o-e-Espiritualidade.pdf>. Acesso em 29 out. 2022.

COSTA, M.; SIQUEIRA, J.; RESENDE, P. H. C. DE. Psicoterapia integrada à espiritualidade: Aplicações práticas. **HU Revista**, v. 44, n. 4, p. 481–489, 2018.

DALGALARRONDO, Paulo. **Religião, psicopatologia e saúde mental**. Artmed Editora, 2008.

DORST, B. **Espiritualidade e Transcendência**. Petrópolis: Vozes, 2015.

GIGLIO, Joel Sales. XIII Simpósio Internacional da Associação Junguiana do Brasil. Espiritualidade e individuação. 2005. (Simpósio).

GIL, A. C. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. ed. 4, São Paulo: Atlas, 2002.

HENNING-GERONASSO, M. C.; MORÉ, C. L. O. O. Influência da Religiosidade/Espiritualidade no Contexto Psicoterapêutico. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, p. 711–725, 2015.

HOUAISS, A. **Dicionário da Língua Portuguesa (nova ortografia)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JAFFE, L. W. **Libertando o Coração: espiritualidade e psicologia jungiana**. São Paulo: Cultrix, 1995.

JUNG, C. G. **Interpretação Psicológica do Dogma da Trindade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

JUNG, C. G. **A vida simbólica**. Petrópolis: Vozes, 2015.

JUNG, C. G. **Aion: Estudo sobre o simbolismo do si mesmo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

JUNG, C. G. **A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, C. G. **A prática da psicoterapia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

JUNG, Carl G. **Memórias, sonhos, reflexões**. Nova Fronteira, 2016.

JUNG, C. G. **Psicologia e Religião**. Petrópolis: Vozes, 1978.

MARTINEZ MD, **Saúde e Espiritualidade: contribuições da Psicologia Analítica para esse Debate**, 2014. Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a Graduação do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MARTINEZ, M. D; KAWAGUCHI, D.; ZACHARIAS, J. J. DE M.; SANTO, R. A. DOS; RIBEIRO, R. N. Religião, Espiritualidade e Saúde: uma exploração histórico-conceitual na psicologia analítica. **Hermes**, v. 24, p. 96-109, 2019.

MARTINS, C. V. **A concepção de religiosidade no pensamento junguiano: questões e perspectivas**. 2014.

NASCIMENTO, A. K. DA C.; CALDAS, M. T. Dimensão Espiritual e Psicologia: A Busca pela Inteiraza. **PHENOMENOLOGICAL STUDIES - Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 26, n. 1, p. 74–89, 2020.

PATHWORK BRASIL. **O que é o Pathwork®**. 2017. Disponível em: <http://pathworkbrasil.com.br/oque-e-pathworkbrasil.php>. Acesso em: 29 out. 2022.

PIERI, P. F. **Dicionário Jungiano**. São Paulo: Paulus, 2002.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1981.

STEIN, M. **O mapa da alma: uma introdução**. São Paulo: Cultrix, 2006.

VON FRANZ, Marie-Louise. **CG Jung: seu mito em nossa época**. Cultrix, 2008.